



EXPANSÃO RESPONSÁVEL DA SOJA

Alternativas viáveis para o crescimento da
produção agrícola sobre áreas já consolidadas



GOOD
GROWTH
PARTNERSHIP

CONSERVAÇÃO
INTERNACIONAL

Brasil



PERSPECTIVAS DE GÊNERO PARA UMA
PRODUÇÃO SUSTENTÁVEL NO MATOPIBA

EXPANSÃO RESPONSÁVEL DA SOJA

Alternativas viáveis para o crescimento da
produção agrícola sobre áreas já consolidadas

Brasília/DF, 2021

REALIZAÇÃO

Conservação Internacional Brasil (CI-Brasil)

COORDENAÇÃO E REVISÃO

Gerente Sênior de Produção Sustentável

Karine Barcelos

Coordenadora de Projetos

Iamilly Cunha

PESQUISA E CONTEÚDO

Coordenação

Ana Cecília Kreter (ECONsult)

Especialista Técnico

Jefferson Staduto (ECONsult)

Especialista de Comunicação

Mariana Cristina dos Santos Resende (ECONsult)

Assistentes

Patrícia Venceslau, Rafael Pastre, Cleyton Vilarino

COAUTORIA

Aline Leão, Caroline Rolim, Flávia Pinto, Jane Lino

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Javiera de la Fuente C.

ILUSTRAÇÕES

Augusto Lopes dos Santos Borges, Leonardo Simão Lago Alvite

TABELAS E GRÁFICOS

Jefferson Staduto, Ana Cecília Kreter

FOTOS

Pixabay (capa), Flavio Forner / Conservação Internacional Brasil (CI-Brasil), Wenderson Araujo / Sistema CNA / Senar

1ª edição

A série de cartilhas *Perspectivas de Gênero para uma Produção Sustentável no MATOPIBA* faz parte da iniciativa global Parceria para o Bom Desenvolvimento (Good Growth Partnership – GGP), implementada pela Conservação Internacional (CI-Brasil), com apoio do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) e financiamento do Fundo Global para o Meio Ambiente (Global Environment Facility – GEF). No Brasil, o projeto visa promover o estabelecimento de paisagens agrícolas sustentáveis que conciliem a produção de soja e a conservação da natureza na região do MATOPIBA.

APRESENTAÇÃO

Assegurar a eficiência na gestão de recursos naturais e garantir sua manutenção para as futuras gerações são algumas das grandes questões quando se discute sustentabilidade do empreendimento rural, assim como o aumento da produção e a manutenção do bem-estar da população no campo.

Se todas essas variáveis são imprescindíveis para compreender os desafios do meio rural brasileiro, discutir o papel da mulher, suas peculiaridades e suas oportunidades torna as análises e os desafios sobre o espaço rural ainda mais instigantes. Mais que compilar números, perceber essa realidade a partir do olhar feminino traz elementos que expressam uma rica narrativa de mudanças na estrutura da própria sociedade, estabelecendo novos paradigmas para uma produção mais sustentável.

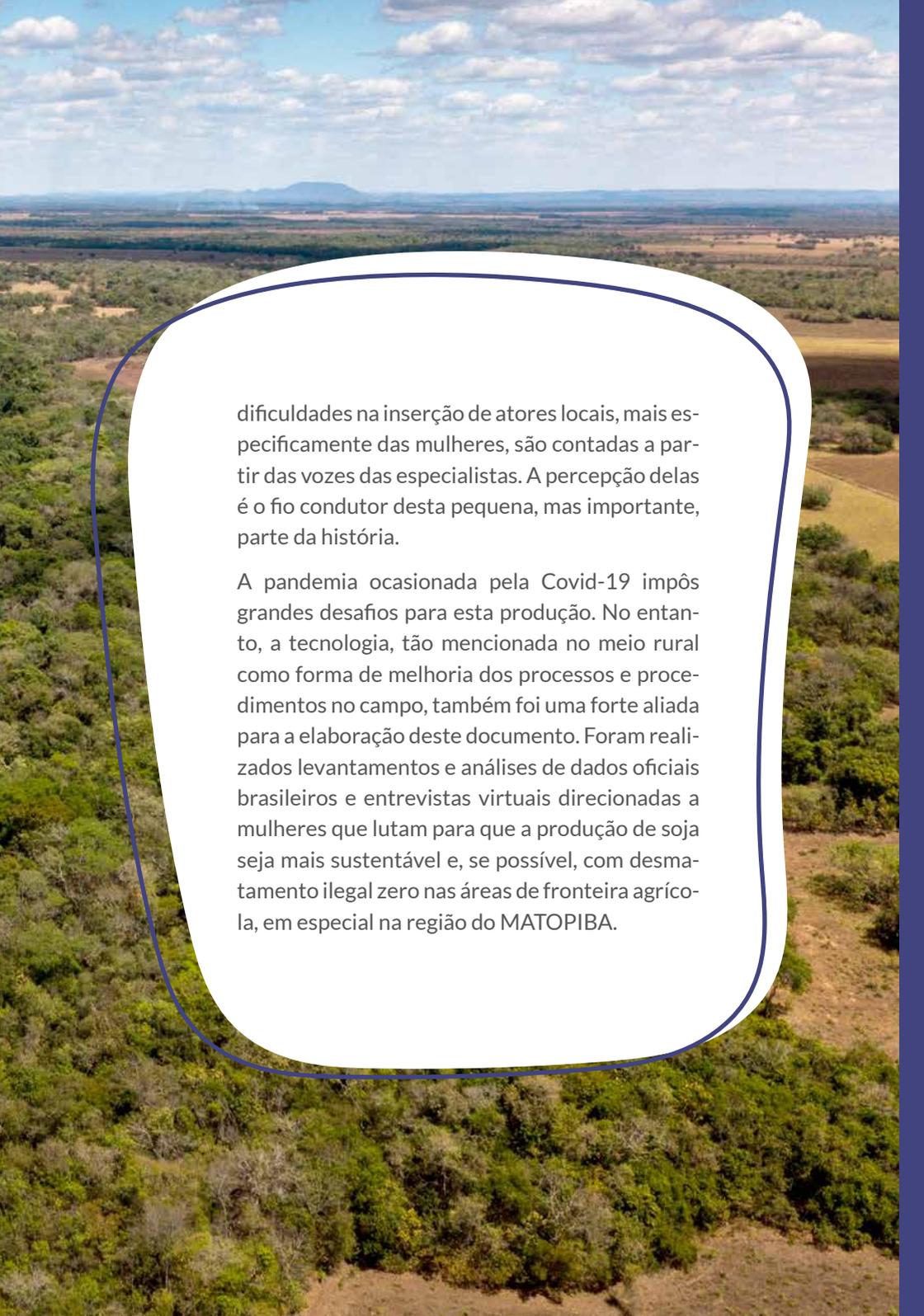
É pensando nisso que o projeto Parceria para o Bom Desenvolvimento, por meio do Fundo Global para o Meio Ambiente (Global Environment Facility – GEF), publica a coleção de dez cartilhas intitulada **Perspectivas de Gênero para uma Produção Sustentável no MATOPIBA**.

Nesta cartilha, trazemos o tema **Expansão Responsável da Soja: alternativas viáveis para o crescimento da produção agrícola sobre áreas já consolidadas**. A soja é o principal produto do setor agropecuário brasileiro e um dos mais presentes nas áreas de fronteira agrícola. Qual é a dinâmica da produção de soja sustentável no MATOPIBA? É possível expandir a produção apenas usando pastagens degradadas, sem avançar para áreas de vegetação nativa? E como valorizar o espaço das mulheres nas propriedades rurais da região? Essas são algumas das perguntas norteadoras a que buscamos responder. E, para contribuir com esse olhar, no decorrer desta publicação, apresentaremos as perspectivas das especialistas **Aline Leão, Caroline Rolim, Flávia Pinto e Jane Lino**.

Boa leitura!

INTRODUÇÃO

Esta cartilha é uma contribuição para a análise da dinâmica da expansão responsável da soja sob a perspectiva de gênero. Falar dessa expansão é um grande desafio para a agropecuária brasileira. A partir da narrativa das especialistas, são apresentados os principais temas associados à produção sustentável da soja e à expansão da produção em áreas já consolidadas. Buscamos também algumas estratégias de incentivo da produção de soja com zero desmatamento e conversão (ZDC) nas áreas de pastagens degradadas no MATOPIBA – acrônimo criado a partir das iniciais dos respectivos estados componentes: Maranhão, Tocantins, Piauí e Bahia. A importância de aumentar a sustentabilidade da produção de soja tornou-se um compromisso de toda a cadeia; e as

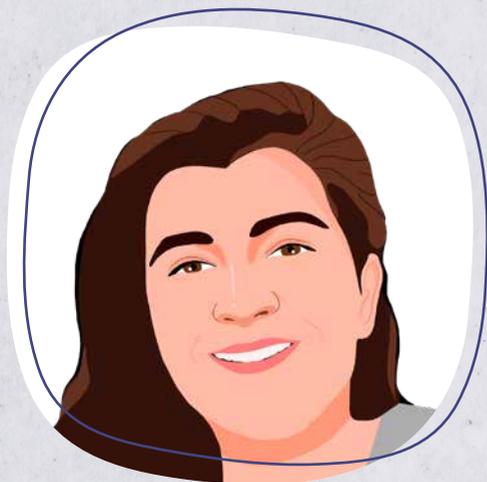


dificuldades na inserção de atores locais, mais especificamente das mulheres, são contadas a partir das vozes das especialistas. A percepção delas é o fio condutor desta pequena, mas importante, parte da história.

A pandemia ocasionada pela Covid-19 impôs grandes desafios para esta produção. No entanto, a tecnologia, tão mencionada no meio rural como forma de melhoria dos processos e procedimentos no campo, também foi uma forte aliada para a elaboração deste documento. Foram realizados levantamentos e análises de dados oficiais brasileiros e entrevistas virtuais direcionadas a mulheres que lutam para que a produção de soja seja mais sustentável e, se possível, com desmatamento ilegal zero nas áreas de fronteira agrícola, em especial na região do MATOPIBA.

ALINE LEÃO

Engenheira ambiental pela Universidade Católica de Brasília (UCB), especialista em reabilitação ambiental sustentável arquitetônica e urbanística, com foco em recursos hídricos, pela Universidade de Brasília (UnB), Aline é especialista em conservação e geoprocessamento na The Nature Conservancy (TNC), onde trabalha desde 2011 com o desenvolvimento da agricultura sustentável no bioma Cerrado.



CAROLINE ROLIM

Formada em administração pela Fundação Getúlio Vargas (FGV), com mestrado em sustentabilidade pela mesma instituição, Caroline se especializou na produção sustentável de *commodities*. Atualmente, é coordenadora de sustentabilidade da Cargill.



FLÁVIA PINTO

Bióloga pela Universidade de Brasília (UnB), com doutorado em ecologia de ecossistemas tropicais pelo Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro (JBRJ) e especialização em geoprocessamento pela UnB, Flávia centrou sua carreira no efeito das mudanças climáticas e de uso da terra sobre a biodiversidade e suas interações. Atualmente, coordena o desenvolvimento da plataforma Agroideal na The Nature Conservancy (TNC).



JANE LINO

Ecóloga pela Universidade Estadual Paulista (Unesp), com mestrado em ciência do solo pela Universidade de São Paulo (USP) e especialista em sustentabilidade de cadeias produtivas pelo Centro Internacional de Formação da Organização Internacional do Trabalho (OIT), Jane é diretora adjunta na Proforest.



A SOJA: DA ÁSIA PARA O PROTAGONISMO NO AGRO BRASILEIRO



"A expansão da soja na região do MATOPIBA é recente, e a soja, muitas vezes, é o primeiro grande ciclo produtivo agrícola que alguns municípios dessa região estão observando."

Jane Lino

A soja é, atualmente, a principal *commodity* brasileira e tem entrado com força no MATOPIBA. Apenas na última década, a produção desse grão chegou a mais de 14 milhões de toneladas na região, com sua lógica voltada às médias e grandes propriedades, ao uso da mecanização na maior parte das etapas de produção e às melhores e maiores áreas do Brasil.

Por ser um grão muito demandado no mercado internacional, a sua produção vem crescendo em várias regiões do Brasil, principalmente nas áreas de fronteira agrícola do Centro-Norte. O movimento dessa fronteira foi muito dinâmico no final do século XX e, mesmo no bioma Amazônia, onde há restrições mais severas da legislação que limitam o desmatamento (legal) e o uso da terra, também houve um forte impacto.

Há, ainda, o interesse dos produtores brasileiros em atender à demanda internacional. A exemplo de comparação, na safra 2019-2020, produzimos aproximadamente 124 milhões de toneladas¹, ou quase um terço do volume da

1. Conab (2021).

produção mundial (31,3%). Além de ser o maior produtor, o Brasil também é o maior exportador de soja, com 45% do comércio internacional, totalizando aproximadamente US\$ 28,6 bilhões em 2020². A área total de produção de soja no Brasil alcançou quase 37 milhões de hectares em 2019/2020³ e o Cerrado vem respondendo por cerca da metade da área plantada.

No contexto mundial, as *commodities* agrícolas são, em grande parte, produzidas em regiões tropicais, em que há grandes áreas produtivas e espaços potenciais para transformar áreas degradadas em produtivas. No entanto, mais que fornecer esses produtos, tem sido exigido da produção nacional, sobretudo pelos países do hemisfério Norte, com proeminência da Europa, uma maneira de produção cada vez mais sustentável.

“Em boa parte dos casos, há um distanciamento entre consumidor, na Europa, que quer uma soja sem desmatamento algum, e o produtor, aqui no Brasil, que vê o desmatamento como um direito legal, como parte do ‘desenvolvimento’ de uma área. Alinhar essas visões é necessário e passa

pela revisão do papel da vegetação nativa na produção agrícola.”



Jane Lino

Muitos estudos têm avaliado qual foi a intensidade do uso do solo, sobretudo para as atividades de lavoura. Um estudo de 2019 da The Nature Conservancy (TNC)⁴ apontou que existiam mais de 18,5 milhões de hectares de pastagens adequadas à produção de soja no Cerrado, número que corresponde a mais do que o dobro dos 7,3 milhões de hectares necessários para garantir o aumento da produção do grão no bioma sem desmatar a vegetação nativa. A ideia proposta pela instituição era utilizar áreas de pastagem subutilizadas e com aptidão agrícola: uma combinação de ações para apoiar a intensificação

2. Disponível em: <<http://comexstat.mdic.gov.br/pt/home>>.

3. Conab (2021).

4. TNC (2019).

da pecuária, liberando áreas de pastagens de baixa produtividade, e estimular a conversão dessas áreas subutilizadas na produção de grãos. Além de não desmatar, a expansão da soja em terras de pasto já existentes possui menor custo de implantação e maior produtividade que a conversão de áreas de vegetação nativa em cultivo – já que é três vezes mais rápido atingir rendimentos máximos de colheitas em terras de pastagens já estabelecidas.

No MATOPIBA, mais de 80% da expansão da soja nas últimas duas décadas ocorreu sobre a vegetação nativa⁵. A região abriga os remanescentes mais significativos do Cerrado em terras privadas adequadas para a produção de soja, reunindo 45% da reserva legal excedente do Cerrado, o que representa 4,5 milhões de hectares.

No entanto, o deslocamento da fronteira agrícola substituindo a vegetação nativa pelas atividades agropecuárias tem provocado reações de alguns mercados. “Muitos dos nossos consumidores na Europa exigem um

5. TNC (2019).



produto sustentável, um produto que tenha origem, pelo menos, quanto ao cumprimento da legislação ambiental vigente no Brasil”, argumenta a Associação Brasileira das Indústrias de Óleo Vegetal (Abiove), em entrevista concedida ao Canal Rural em 2020⁶. Para ilustrar esse situação, a Abiove informa que 50% do farelo de soja comercializado por suas empresas associadas são destinados ao continente europeu. O mercado em valor do produto totalizou 8 bilhões de dólares em 2020.

Para a especialista da Proforest, Jane Lino, há um desafio grande para as empresas que estão inseridas dentro da dinâmica da cadeia produtiva da soja: saber qual a origem da produção. “São poucas empresas que concentram essa parte inicial da cadeia, que é a compra direta do produtor”, explica. Existe aí, portanto, um grande trabalho pela frente, que consiste em mapear toda a cadeia para visualizar de forma clara a origem dessa soja. Além da transparência na relação com o consumidor desse grão, o mapeamento também é fundamental para entender um pouco mais sobre os riscos. “Entender onde os riscos são maiores e menores ajuda a empresa a priorizar. Não dá para engajar todos os produtores ao mesmo tempo quando há *traders* que têm milhares de produtores ligados à sua cadeia”, aponta Lino.

Falar de produção de soja é falar do Cerrado

A soja está presente em quase todos os biomas brasileiros, mas é no Cerrado que está localizada a maior parte da produção. O Cerrado é o segundo maior bioma do Brasil e da América Latina, pois abrange doze Unidades da Federação – Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Tocantins, Minas Gerais, Bahia, Maranhão, Piauí, Rondônia, Paraná, São Paulo e Distrito Federal – e é presente em outras três – Amapá, Amazonas e Roraima –, além do nordeste do Paraguai e do leste da Bolívia.

Com seu clima seco e sua vegetação semelhante às savanas, esse bioma foi esquecido durante muito tempo, por ser considerado com baixo potencial para o desenvolvimento agrícola. No entanto, a partir de década de 70, essa visão mudou.

6. Disponível em: <<https://bit.ly/2XdIVKO>>.

Em razão do esgotamento das terras das regiões Sul e Sudeste disponíveis para exploração agropecuária e do aumento da demanda internacional pelo grão, o Brasil passou a buscar alternativas para a expansão da fronteira agrícola. E com sucesso. Apesar das cultivares de soja serem características de climas temperados, já na década de 80, a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) Cerrados lançou a primeira variedade adaptada à região. A modernização da agricultura e a atuação do Estado em associação com empresários nacionais e com o capital estrangeiro foram grandes aliados para o rápido deslocamento dessa fronteira produtiva.

A inaptidão do bioma constatada anteriormente foi superada, e a região do Cerrado tornou-se estratégica na incorporação de novas áreas agrícolas. Sua posição geográfica e suas características físico-ambientais passaram a promover a expansão da produção agropecuária baseada no pacote tecnológico com o uso intensivo de insumos – pesticidas, fertilizantes, máquinas e equipamentos. Em pouco tempo, essa região se tornou um dos polos de produção agropecuária mais importantes do país, com políticas públicas direcionadas para a expansão da fronteira agrícola⁷.

Dentre os principais programas que promoveram a capitalização da agricultura no Cerrado, o incremento da produção e da produtividade, destacam-se: o Programa de Cooperação Nipo-Brasileira de Desenvolvimento dos Cerrados (Prodecer); e o Programa de Desenvolvimento dos Cerrados (Polocentro). A Embrapa, responsável pela geração de tecnologias agrícolas com diversos centros nacionais de pesquisas, particularmente o Centro de Pesquisa Agropecuária dos Cerrados (CPAC), atualmente designada Embrapa Cerrados, exerceu papel fundamental nas transformações ocorridas na região e no reconhecimento do Cerrado como um bioma estratégico para as políticas ambientais.

“O Cerrado também atua como sumidouro de carbono, desempenhando papel crucial no esforço global contra as mudanças climáticas. Cientistas mostraram que o desmatamento da vegetação nativa já está aumentando a temperatura local, alterando os padrões de precipitação e afetando negativamente a produtividade da soja⁸.”

7. Silva (2000).

8. TNC (2019, p. 2).

Como foi apresentado pela TNC⁹, o ciclo do desmatamento pode ser interrompido no Cerrado por meio da conversão de áreas de pastagens de baixa produtividade em áreas de cultivo de soja. A proposta da instituição não é deixar de produzir, mas deixar de abrir novas áreas de vegetação nativa.

A PRODUÇÃO SUSTENTÁVEL DA SOJA

As especialistas Jane, Aline, Caroline e Flávia, consultadas para esta cartilha, apontam que os grandes riscos da soja estão na produção, que possui uma cadeia bastante complexa, com várias questões logísticas envolvidas. Buscar a produção responsável de soja, quando se trabalha dentro da sua cadeia de valor, é garantir que as empresas que compram apoiem os produtores na adoção de práticas mais sustentáveis, as implementem por meio do engajamento da cadeia e tenham mecanismos eficazes de monitoramento e avaliação. “Isso, sendo cascateado ao longo da cadeia, chega até o nível da produção, geralmente através das *traders*, que estão comprando diretamente do produtor”, avalia Lino.

Porém, o preço para constituir essa cadeia produtiva sustentável é alto e, nem sempre, as políticas e incentivos proporcionam o melhor ambiente para os produtores rurais. Os retornos financeiros para a conversão de áreas de pastagens em produção de soja são mais favoráveis comparados à conversão da vegetação nativa. Entretanto, os baixos preços das terras com vegetação nativa “em pé” acabaram tornando mais atrativa a abertura de novas áreas. Esse cenário é desafiador para alcançar uma das alternativas para a produção de soja no Brasil: a de zero desmatamento e conversão (ZDC), segundo estudo da TNC¹⁰. “O pico de produção de soja produzida sobre as áreas de pastagens pode ser alcançado muito mais rapidamente que na produção sobre áreas de vegetação nativa recém-desmatadas, contribuindo para o rápido retorno financeiro”, defende o estudo de 2019.

De fato, incentivos financeiros por meio de linhas específicas de crédito podem tornar a expansão da cultura da soja sem desmatamento – por arrendamento ou aquisição de pastagens – mais atraente que a expansão em terras adquiridas que permitam o desmatamento legal, ou seja, que estão em conformidade com o Código Florestal.

9. TNC (2019).

10. TNC (2019).

Quais são os modelos mais utilizados de expansão da soja¹¹

Na publicação *Incentivo para a Produção de Soja Sustentável*, a TNC apresenta quatro modelos de expansão de soja identificados no Brasil.



I
Conversão de excedente de reserva legal em propriedades já pertencentes ao produtor de soja

II
Aquisição de propriedades com excedente de reserva legal

III
Aquisição de pastagens e sua transformação em produção agrícola

IV
Arrendamento de pastagens para produção de soja

- a. capital de giro ou financiamento agrícola de baixo custo;
- b. empréstimos de longo prazo para aquisição de pastagens e conversão à soja; e
- c. crédito do Plano de Agricultura de Baixa Emissão de Carbono (Plano ABC) para conversão de pastagem à soja.

Segundo a instituição, na última década, 61% da expansão de soja no Cerrado ocorreu em áreas de pastagem, o que sinaliza que as propriedades rurais da região, em sua maioria, adotaram práticas sustentáveis de uso do solo. E a instituição acredita que a utilização de áreas de pastagem em detrimento da expansão legal em áreas de vegetação nativa pode chegar a 80% no MATOPIBA em 2030.

11. TNC (2019).

Outro forte incentivo econômico para o produtor rural é a conversão de áreas abertas em vegetação nativa. Nesse caso, os programas de compensação financeira e outros esforços se tornam alternativas viáveis para ajustar o retorno financeiro. “Esses mecanismos podem ser uma das ferramentas das políticas

de sustentabilidade para atingir os compromissos de compra de *commodities* livres de desmatamento ao longo da cadeia de valor”, enfatiza esse mesmo estudo da TNC. A especialista Flávia reflete de forma mais ampla: “É necessário um pacote completo de ações bem orquestradas para atingir o desenvolvimento sustentável mais rapidamente, em que todas as ações são licenciadas de acordo com a aptidão da região, financiadas e fiscalizadas adequadamente”, conclui.

Complementarmente, lembramos as tecnologias agrícolas sustentáveis, como as previstas no Plano ABC, que, além de mitigarem a emissão de carbono, têm potencial de aumento da produtividade e diminuem a pressão pela expansão de novas áreas agrícolas. A vocês, leitoras e leitores, sugerimos a Cartilha 2 desta série, que apresenta detalhadamente essas práticas produtivas do Plano ABC, e a Cartilha 6, que aborda as alternativas de intensificação da produção para a pecuária no MATOPIBA.

Você sabia?

A transição de uma paisagem de vegetação nativa para agricultura raramente ocorre imediatamente. É comum que a terra seja desmatada e fique sem uso durante a preparação do solo, ou simplesmente abandonada por alguns anos, antes de finalmente ser convertida em soja. Esse processo dificulta a determinação das causas diretas da conversão. No entanto, os estudos de sensoriamento remoto da TNC sobre as mudanças no uso da terra no Cerrado¹² mostram que geralmente leva até cinco anos para que a produção agrícola possa ser detectada nas áreas de vegetação nativa convertidas para produção de soja.¹³

Fonte: TNC (2019).

12. Mário Ramos-Neto e Leandro Claudio Baumgarten estão desenvolvendo atualmente o estudo *Conversão de Soja e Padrão de Cultivo no Cerrado Brasileiro (1985-2017)*.

13. É improvável que outras atividades econômicas com retornos mais baixos possam ocupar temporariamente a área, uma vez que o lapso de cinco anos considerado pela TNC é muito curto para gerar fluxos de caixa que justificariam a conversão sem a subsequente consolidação da produção de soja.

Como é, na prática, a busca pela garantia de uma soja sustentável?

“A Proforest apoia empresas na execução da compra responsável. Então, para conseguir garantir que você esteja comprando soja produzida de forma responsável, social e ambientalmente, a primeira coisa é ter clareza do que é o seu compromisso. E, para várias empresas, isso pode significar coisas diferentes. Para uma *trader*, por exemplo, estar comprando direto do produtor significa saber se a área de procedência está conforme ou não. Há listas públicas no Brasil, como as de produtores que estão envolvidos com questões de trabalho análogo ao escravo, ou listas de embargos ambientais relacionadas às atividades ilegais realizadas na propriedade. Essas listas públicas são a base para as *traders* fazerem um *checklist*. É um mecanismo muito utilizado no Brasil e muito importante, no entanto, não é suficiente, porque a capacidade do nosso governo de conseguir garantir que todas as atividades legais sejam fiscalizadas, identificadas e tenham um processo é limitada. Há outras empresas que adotam abordagens mais proativas de realmente implementar uma diligência, avaliar os seus fornecedores, engajá-los, entender quais são as lacunas das suas práticas, ter mais informação sobre como aquela soja é produzida.”

Jane Lino



O que é desenvolvimento sustentável?

O desenvolvimento sustentável é uma condição de longo prazo em prol do bem-estar da humanidade baseado em três pilares – econômico, ambiental e social. Na Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (Rio-92), realizada no Rio de Janeiro em 1992, mudou-se a forma de pensar esse desenvolvimento. Era preciso conciliá-lo com a utilização dos

recursos naturais para que as gerações atual e futura pudessem ter uma vida produtiva em harmonia com a natureza¹⁴.

A partir dessa definição, a agricultura que utiliza os recursos naturais mais rapidamente do que o meio ambiente pode regenerá-los¹⁵ e/ou que depende fortemente de recursos não renováveis – por exemplo, combustíveis fósseis – é considerada insustentável. Por isso, um dos objetivos da agricultura sustentável é criar sistemas agrícolas que mitiguem ou eliminem os danos ambientais associados a essas práticas. Nesse sentido, a agricultura sustentável é mais do que estabelecer mudanças nas técnicas de produção até então adotadas, agricultura é parte de um movimento que reconhece que os recursos naturais são finitos, e que o crescimento econômico é limitado. Os aspectos sociais e econômicos da equidade na distribuição de recursos também são importantes para alcançar o desenvolvimento sustentável.

De fato, existem diversas iniciativas nas áreas rurais que buscam promover o desenvolvimento sustentável. No entanto, Aline Leão defende que “as boas práticas agrícolas deveriam ser mandatórias e não só recomendadas, porque elas são essenciais”. Flávia Pinto contrapõe destacando a dimensão e complexidade do tema sustentabilidade. “Do ponto de vista da paisagem, para você ser sustentável, você tem que ir além das regras estabelecidas pelo Código Florestal, você precisa começar um diálogo com os atores locais que vai além das regras legais aplicadas à propriedade para uma visão de sustentabilidade da paisagem.” Além do diálogo, Caroline Rolim fala da importância da iniciativa. “Para mim, sustentabilidade é uma coisa que você tem que ir atrás, para sempre estar em constante evolução. Você tem que estar sempre estudando, se informando, buscando soluções e tentando alternativas”, pontua a especialista. Caroline e Flávia defendem a ideia de que a chave para esse desenvolvimento está na valorização da ciência. “Infelizmente, a nossa lei não é suficiente para manter todos os serviços ecossistêmicos, a biodiversidade e a qualidade ambiental, é preciso existir um pacto global.” Para Flávia, “não adianta promover ações isoladas, a mudança da paisagem de uma região para um modelo mais sustentável só é possível se existir um pacto entre diferentes instituições em todos os níveis de governança”.

14. Soubbotina (2004).

15. Horrigan, Lawrence e Wlaker (2002).

MATOPIBA: o recorte de um bioma

Como nos lembra a especialista do Proforest, falar do MATOPIBA é bem interessante, pois o chamamos de uma região, um recorte de um bioma, não sendo, oficialmente, uma região ou divisão política do território nacional. Ela explica que, para muitas empresas com quem já trabalhou, não foi rápido fazê-las entender que o MATOPIBA não era um estado brasileiro, mas uma região bastante abrangente, que perpassa por diversos estados, e que está localizada ao norte do bioma Cerrado. Se, por um lado, o tamanho do MATOPIBA e seu potencial produtivo chama atenção, por outro, nos mostra que a heterogeneidade é marcante, sobretudo em aspectos envolvendo governança, implementação do Código Florestal, crédito rural, iniciativas, atores, dentre outros.

Do ponto de vista da preservação, entender esse território é fundamental. A região do Cerrado no MATOPIBA é caracterizada por uma vegetação savânica, com gramíneas naturais; ou seja, não é uma vegetação florestal em sua grande parte. Lino explica que, embora possa parecer bastante óbvio para muitos, entender esses aspectos foi um processo relativamente recente para as empresas.

“As empresas ainda estavam discutindo muito o desflorestamento, e não o desmatamento, que inclui outros tipos de vegetação. E a região do MATOPIBA, em um contexto de desflorestamento apenas, não seria prioritária se comparada ao Mato Grosso, por exemplo, que tem um cerrado com vegetação mais florestal.”

Jane Lino



A expansão da soja na localidade é recente. O grão é a principal atividade econômica dentro do MATOPIBA e, em muitas regiões, isso gera uma enorme pressão para a expansão de novas áreas. “O contexto de falta de regularização

fundiária que envolve todo o Brasil acaba contribuindo para a geração de um problema muito comum, que é a grilagem”, pontua Lino. No entanto, ela defende que é uma zona de oportunidade econômica porque é nova, é recente e a soja é a principal oportunidade.

O estudo da TNC vai no mesmo sentido, mostrando que, como são áreas de produção “mais antigas”, Mato Grosso e o sul do Cerrado possuem significativamente menos excedente de reserva legal nas propriedades. Isso explica por que parte significativa da atual expansão da soja ocorre sobre pastagens nessas regiões, enquanto que no MATOPIBA observamos a aquisição e a conversão da vegetação nativa como modelo predominante. O estudo em questão também mostra que o retorno financeiro mais alto para os produtores ainda está na expansão sobre o excedente de vegetação nativa dentro da própria propriedade (de 1% a 21,1% de taxa interna de retorno no MATOPIBA e 21,0% no sul do Cerrado).

“A principal razão por trás desses números é que os produtores não incorrem em custos de aquisição de terras para expandir dentro de suas propriedades. Nessas situações, nas quais o custo de oportunidade de não converter o excesso de vegetação nativa é muito alto para o produtor, as alternativas para promover a expansão no modelo ZDC devem ser mais robustas.”

Fonte: TNC (2019).

Para Flávia Pinto, da TNC, é necessário discutirmos uma visão global que possa fornecer subsídios para construir o mapa de sustentabilidade para o MATOPIBA, a fim de que, para cada classe de região que acabar se construindo, possam ser fornecidas recomendações de ação de produção sustentável e de minimização de impactos socioambientais. “Você não consegue mudar a paisagem de uma região para ela se tornar mais sustentável se não existir um pacto entre diferentes instituições em todos os níveis, desde



o produtor até o comprador e o poder público”, defende. Ela ainda destaca a necessidade de uma política de desenvolvimento sustentável, além de níveis de regularização e de financiamento para ações de sustentabilidade, em que seja respeitada a aptidão de cada região para o que há potencial para produzir.

A produção responsável da soja está associada ao tripé da sustentabilidade – social, econômico e ambiental. Dentro do ambiental, Aline Leão cita como exemplo o aspecto hídrico, que afeta todo o bioma Cerrado. A especialista faz um profunda reflexão sobre a fragilidade desse serviço ecossistêmico. “Existe uma sensibilidade muito grande em relação aos recursos hídricos no MATOPIBA. Para mim, uma solução seria implementar um tipo de zoneamento ou de práticas conservacionistas nas áreas que são mais impactadas, principalmente nas áreas de recarga do aquífero Urucuia”, conclui.



“Enquanto nós não tivermos isso [política de desenvolvimento sustentável], vamos caminhar a passos lentos. Para tornar o agricultor mais consciente, é necessário dar incentivo financeiro para ele implantar as melhores práticas a fim de que se torne um pouco mais amigável ambientalmente e, com os bons resultados dessas ações, adotar práticas sustentáveis que vão além da sua propriedade.”



Flávia Pinto

VALORIZAR O ESPAÇO DA MULHER, SOBRETUDO EM TORNO DA GESTÃO DAS PROPRIEDADES

O contexto da produção de soja no Brasil é também intrinsecamente ligado à questão de gênero. Como vem sendo demonstrando ao longo desta série de cartilhas, falar das mulheres do campo é, via de regra, falar de desafios. Elas ainda estão quase que em um processo de experimentação da dinâmica produtiva rural, à frente de pequenas propriedades, muito voltadas às lavouras de subsistência que dialogam culturalmente com o território em que são produzidas. Há um quê familiar forte nessas propriedades, como podemos acompanhar mais detalhadamente na Cartilha 8, que versa sobre comunidades tradicionais e agricultura familiar. É, também, o que Jane Lino destaca: “Tem uma questão interessante de se observar nas regiões mais pobres do Brasil, que é onde temos mais dirigentes mulheres, mas a principal atividade nessas propriedades é a agricultura de subsistência, não a soja”.

Segundo os dados do censo agropecuário de 2017, apenas 6% da gestão de grandes propriedades rurais de soja no MATOPIBA é feita por mulheres. “É muito comum, em termos de negócios, os grandes [produtores] serem grupos familiares, liderados por homens”, comenta. Mostramos um pouco do papel da sucessão nas propriedades rurais como fator decisório da presença das mulheres no processo de produção na Cartilha 3 desta série, que versa sobre crédito rural. “Existem alguns grupos econômicos, algumas empresas que são donas de grandes propriedades, mas, em várias regiões, e ali no MATOPIBA não é diferente, têm grupos familiares. Então, isso vai passando de pai para filho. E, em geral, é filho homem”, analisa Lino.

Ela também cita uma interessante iniciativa, promovida pela Mesa-Redonda de Soja Sustentável (Round Table on Responsible Soy) para o empoderamento de mulheres, com produtoras de soja, no Maranhão. Essa iniciativa, bem como o perfil socioeconômico da região, estão na cartilha de apresentação da série. “Movimentos como esse, apesar de incipientes e esparsos, são muito importantes para a mudança de cultura”, conclui a especialista.



Jane Lino

Há certamente uma questão cultural no nosso país, mas precisamos criar espaços de valorização da mulher nesses papéis de liderança. Essa mulher não precisa de um espaço especial apenas para preencher a 'cota mulher', mas sim por ser uma liderança, é por essa razão que deve-se dar a ela um espaço de fala, um espaço de respeito.



Embora as mulheres sejam maioria

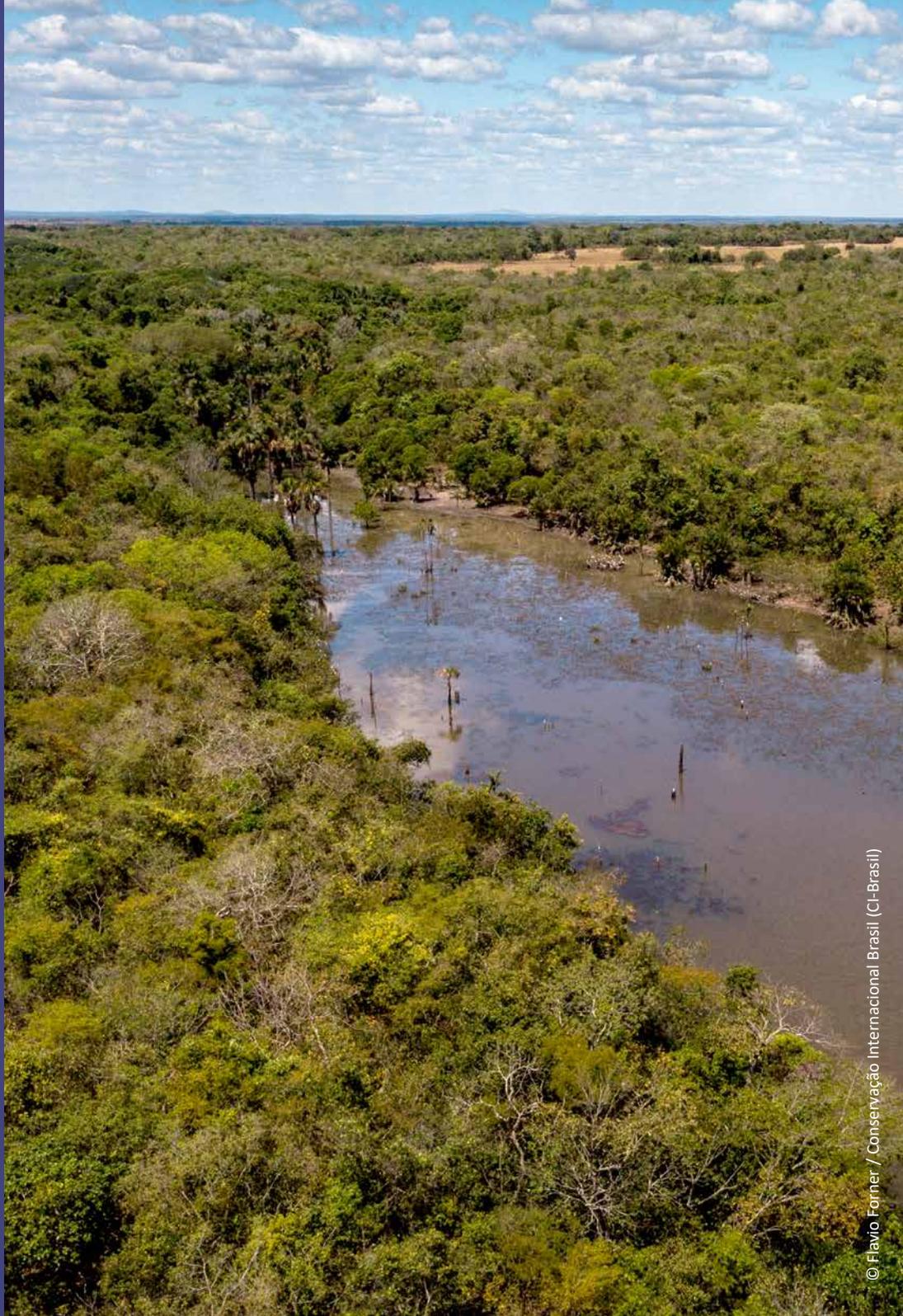
nas equipes e discussões de sustentabilidade, muitas vezes coordenando-as, os homens ainda apresentam e impõem mais sua opinião nos fóruns de discussão sobre o tema. Infelizmente, em alguns casos, ainda sobrepondo seu ponto de vista, desconsiderando ou repetindo a fala das mulheres.

Flávia Pinto



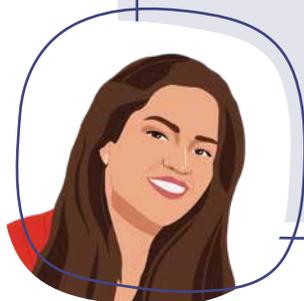
Aline Leão

Nas minhas viagens de campo, visitas às fazendas, vi que as mulheres apoiam seus maridos. Às vezes são mais que o braço direito, são suas sócias. Elas se tornam as gestoras do escritório da fazenda, geralmente cuidam da parte administrativa. Contudo, nem sempre existe um reconhecimento de fato desse papel. O mundo do agro ainda é muito direcionado ao homem do agro.



DESAFIOS PARA O FUTURO

O estudo da TNC, amplamente utilizado nesta cartilha, defende que é necessária uma resposta que combine o redirecionamento de parte da terra para a soja, ao mesmo tempo que incentive a intensificação sustentável da pecuária nas pastagens remanescentes, acomodando, assim, todo o aumento futuro previsto na demanda por alimentos do Cerrado, sem conversão adicional da vegetação nativa.

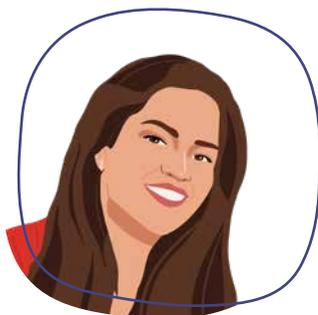


"Nós estamos tentando ganhar espaços em todo lugar. O agro é, talvez, o mais difícil, até por ser um ambiente extremamente machista. Mas nós, enquanto mulheres no meio urbano, estamos tentando a equivalência de salário até hoje. Estamos tentando reconhecimento em trabalhos administrativos, técnicos etc. Então, o que dirá no campo, né?"

Caroline Rolim

Há muitos atores envolvidos na dinâmica de mudança de uso da terra, e isso impacta sobremaneira a *commodity* produzida, além de gerar uma pressão por uma agricultura cada vez mais sustentável para quem está produzindo. Empoderar organizações, independentemente se públicas ou ligadas à sociedade civil, faz parte da resolução do problema, em chegarmos a um ponto ótimo da equação demanda *versus* oferta. E a mulher pode ter um papel estratégico em tudo isso.

“A mulher tem um interesse quase intrínseco, uma coisa até meio instintiva, de evolução da espécie, e isso pode ser observado tanto na gestão quanto na proteção da própria família, de a mulher se preocupar com a sustentabilidade como uma estratégia de sobrevivência. Então, eu acho que acaba que a mulher empodera mais, e se preocupa mais em manter a pauta ambiental como uma pauta importante.”



Caroline Rolim

Como nossas especialistas apresentaram, o tema sustentabilidade é um tema transversal, e muito conectado ao universo feminino, inclusive quando se analisam todas as etapas da cadeia da soja no Brasil. Houve muitas conquistas, mas “ainda estamos anos-luz de se ter equidade no campo, ainda falta apoio e reconhecimento dos nossos colegas”, conclui Rolim.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

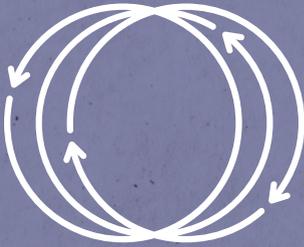
CONAB – COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO. **Série histórica: soja**. Brasília: Conab, 2021. Disponível em: <www.conab.gov.br>.

HORRIGAN, L.; LAWRENCE, R. S.; WLAKER, P. How sustainable agriculture can address the environmental and human health harms of industrial agriculture. **Environmental Health Perspectives**, v. 110, n. 5, 2002.

SILVA, C. E. M. Ordenamento territorial no Cerrado brasileiro: da fronteira monocultora a modelos baseados na sociobiodiversidade. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, v. 19, 2009.

SOUBBOTINA, T. P. **Beyond economic growth: an introduction to sustainable development**. Washington: Word Bank, 2004.

TNC – THE NATURE CONSERVANCY. **Incentivo para a produção de soja sustentável**. [s.l.]: TNC, 2019. Disponível em: <<https://bit.ly/3E9EKQB>>.



GOOD GROWTH PARTNERSHIP

